

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2014 - EDIÇÃO COMEMORATIVA

Foto Arquivo Pró-Memória



Esporte Clube Estrela, campeão de 1948. A partir da esquerda, em pé: Alcides Vilar, Durval, Macaé, Tandão, Orlando Siriri, Salvador, Milton Chocolate, Muriaé, Tôto e Oto. Agachados: Gonçalves, Adeildo, João Divino, Adeodato, Luiz de Barros, Quido e Edward.

O centenário de fundação do “Sport Club Estrela”



No final da tarde do dia 14 de dezembro de 1914, um grupo de jovens operários da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, de Piquete, se reuniu na Estação Ferroviária Rodrigues Alves para tratar da fundação de uma associação futebolística.

Após acaloradas discussões, apartes e acordos, estava criado o “Sport Club Estrela”.

Meses antes, os piquetenses haviam tomado conhecimento, pela primeira vez, do “foot-ball”, modalidade esportiva que, no final do século 19, havia chegado ao Brasil, trazido da Inglaterra pelo paulista Charles Miller. Em seus primeiros anos, o futebol era um esporte caro e elitista, restrito a uma parcela privilegiada da sociedade. No entanto, apresentava grande poder de sedução. Popularizou-se ganhando o espaço das várzeas e os terrenos baldios. Na capital paulista, berço do futebol brasileiro, os trabalhadores incorporaram a prática futebolística ao seu cotidiano, levando-o ao ambiente de trabalho. Era comum a brincadeira com uma bola no intervalo dos almoços. Diante desse clima arrebatador incentivado pela inserção de uma prática que começava a se disseminar por vários cantos do país, o futebol aproximou-se das fábricas. Logo, seus dirigentes passaram a enxergar com bons olhos esse esporte, apoiando as iniciativas dos

operários. Era uma maneira de tentar estender o controle sobre o trabalhador e intervir em seu conjunto. Foi o que aconteceu quando surgiu em Piquete, com o Esporte Clube Estrela. Assim que foi criado, passou a contar, de maneira irrestrita, com o apoio do cel. Achilles Veloso Pederneiras, diretor da fábrica de Piquete, e de toda sua diretoria, que doou um terreno próximo à vila da Estrela para a construção de um campo e a edificação de seu estádio. Poucos clubes, naquela época, puderam contar com tão grande apoio. Os atletas-operários recebiam incentivos e mantinham, de maneira metódica, treinamento, chaves, tiros à meta, escanteios, bola de cabeçada etc. Os treinos eram semanais e uma rígida disciplina foi imposta aos jogadores. Afinal, passaram a representar a Fábrica nas competições e campeonatos internos e da região.

Em suas diferentes fases, grandes craques surgiram para delírio da torcida. Na década de 1930, o Esporte Clube Estrela foi incorporado ao Departamento de Esportes da Fábrica, órgão vinculado ao Centro Social. A partir de então, foram muitas as conquistas do esquadrao estrelino. Ficaram na memória de antigos torcedores a conquista dos campeonatos de 1940 e 1948 e as disputas da 2ª Divisão do Campeonato Paulista de Futebol Profissional nos anos de 1959, 1972, 1973 e 1975.

O Estrela de Piquete, por muito tempo foi uma das forças do futebol valeparaibano. Disputou a 3ª Divisão do Campeonato Paulista de Futebol Profissional nos anos de 1957 e 1958 e de 1960 a 1971. Em 1976, com a criação da IMBEL, o Departamento Social da Fábrica foi extinto e, consequentemente, ocorreu a fusão entre o Esporte Clube Estrela e o Grêmio Duque de Caxias. Apesar do empenho de bons diretores e técnicos, sem o substancial apoio que recebia da Fábrica, o Esporte Clube Estrela foi diminuindo sua atuação. Em 1977, disputou seu último Campeonato Paulista de Futebol Profissional jogando na 4ª Divisão. Hoje, restringe-se ao futebol amador.

Resta-nos dos áureos tempos do futebol em Piquete o campo do Estrela, com suas torres – verdadeiro patrimônio histórico –, onde gerações se emocionavam ao assistir às partidas do melhor time da região. Ainda hoje, ao adentrarmos o estádio do Estrela Futebol Clube, o coração pulsa acelerado, tal a força que dele emana. Ecoam o som dos apitos e o barulho das torcidas apaixonadas. Nesta data jubilar do centenário da fundação do Esporte Club Estrela, nossas homenagens a todos os que contribuíram direta ou indiretamente para as conquistas estrelinas, orgulho de gerações. Resgatar suas muitas histórias faz-se necessário. Estão aí muitos ex-jogadores de várias épocas que podem contribuir com esse trabalho.



A origem do Esporte Clube Estrela remonta aos idos de 1914, quando chegou à Vila Vieira do Piquete, proveniente do Rio de Janeiro, Jorge Martins, o Coló, que havia sido pontas-esquerda titular do Botafogo Futebol e Regatas do Rio de Janeiro. Trouxe em sua bagagem uma bola de futebol e com ela passou a arrebanhar alguns rapazes para um bate-bola num campinho à beira da linha do ramal férreo Lorena – Benfica, entre o rio Piquete e a casa da “Turma da conserva”, que era alojamento dos funcionários da manutenção dos trilhos.

Esse foi o embrião do surgimento do futebol em Piquete. O campo era um pasto mais ou menos plano pertencente ao Cel. Luiz Francisco Relvas. A novidade ganhou a atenção da rapaziada da cidade, que passou a assistir às peladas. Surgiu, então, a ideia de se criar um clube de futebol. Depois dos entendimentos preliminares e acatando o convite de Fernando Aquino, gerente da Estação Ferroviária Rodrigues Alves, marcou-se uma reunião no armazém daquela estação. Essa reunião aconteceu no dia 14 de dezembro de 1914 e teve como coordenador Jorge Martins que, em nome dos presentes, convidou Fernando Aquino para presidi-la. Após discussões e acertos, com anuência dos presentes, foi criado o Esporte Clube Estrela. O presidente e o secretário Jorge Martins distribuíram, então, aos sócios fundadores as cédulas para eleição da diretoria. Apurados os votos, confirmou-se como presidente o senhor Fernando Aquino. Para secretário Ernâni Carpinetti. Para tesoureiro Jacintho de Barros. E para capitão do time Jorge Martins. Foi então convidado para fiscal de campo Carlos Ribeiro Júnior. Por sugestão de Amélio Barbosa, foram escolhidas as cores preta e branca como as oficiais do time. Jarbas Octaviano Araújo responsabilizou-se pela pintura das traves, bancando as despesas com as tintas, e Carlos Ribeiro Júnior ofereceu ao Clube uma bola número 3. Ao final, o capitão do time avisou a todos que os “ensaios” (treinos) seriam às terças e quintas, aos sábados, domingos e feriados. Assinaram a ata 18 sócios fundadores: Fernando de Aquino, Jorge Martins, Abel Oliveira Teixeira, João Baptista da Luz, Oscar Guilherme Jansen, José Luiz Ferreira, José Ribeiro da Silva, Jacintho G. Barros, Custódio Vieira Bittencourt, Jarbas Octaviano de Araújo, Américo Corrêa, Carlos Ribeiro Júnior, Carlos Alberto Jansen, Emydio Alves, Argemiro Palma, Amélio Barbosa, José Alves Filho e Messias H. Ribeiro.

A partir da fundação do Esporte Clube Estrela, houve grande adesão de sócios ao clube. A maioria era constituída de operários da Fábrica de Pólvora. Cada vez mais simpatizantes do novo esporte corriam até o gramado para assistir aos treinos e deles participar. Logo, alguns jogadores foram se destacando, mostrando grande habilidade com a bola, tornando-se verdadeiros craques.

No dia 26 de janeiro de 1915, em assembleia geral, foi proposta a inauguração do Clube para o dia 7 de fevereiro. Formou-se uma comissão para arrecadar meios para as atividades. Preparou-se uma programação especial divulgada na imprensa regional, organizaram-se jogos e uma reunião festiva no Cassino da Estrela.



01



02



03



04



05

Fotos Arquivo Pró-Memória



A inauguração foi um grande acontecimento esportivo e social. Contou com a participação do prefeito de Piquete, José Dias da Silva, do coronel Aquiles Velloso Pederneiras, diretor da Fábrica, e de sua oficialidade, do Cel. Luiz Relvas, do operariado e de toda a sociedade piquetense que, a partir daí, passou a torcer pelo esquadrão estrelino.

Legendas: **01) Equipe do Estrela em março de 1937:** Em pé: Antônio, Mário de Lima, Adriano, Vilar, Luiz de Barros, Pedro Lima (Catrica) e Henrique Maziero. Agachados: Marinho, Guilherme Jansen, Arthur de Lima. Sentados: José Maria, Zadra (com o filho) e Geraldo Meireles. **02) Campeonato Interno - Quadro Major François.** Foto de 6 de abril de 1941. **03) Madrinha e equipe do Estrela em 12 de junho de 1952.** **04) Corporação Musical Piquetense no Estádio do Estrela em 1930** **05) Campeonato Interno de 1941 - Quadro Capitão Gouvêa.** **06) Estrela em 1922:** Conrado, Tonico do João Roque, Alcides Vilar, Adolfo e Henrique Mazziero, ?, Artur de Lima, Edílio Alves e Traíra. Carlos Alberto Jansen, João Barbosa e Adriano Vilar. **07) Montagem feita por Carlos Vieira Soares com os jogadores do Estrela em 1940.** Equipe campeã do Campeonato Intermunicipal do Estado de São Paulo (9ª Zona): Pisca (centro); nas posições do relógio, em sentido horário: Gerdi (goleiro), Luiz de Barros, Gonçalves, Fernando, Mangabeira, Clementino, Peixe, Chico Preto. À esquerda, Orlando Siriri e à direita Berné. **08) Sargento Salviano, Carmo, Peixe, Marinho, Geraldo Meireles, Hélio, Zézinho do Amélio, Ismael Marques, Luiz de Barros, Zé Maria, Idão.** Agachado: Cocó (goleiro). **09) Fausto, Adeildo, Durvalzinho, Salvador, ?, ?, ?, Muriaé, ?, Quido, Alfredo, Edward, Orlando Siriri e Goomes.** Goleiro: Gulfe. **10) Final de Campeonato no Estádio do Estrela, em 15 de março de 1939.** **11) Esporte Clube Estrela em 1939:** Almeida II, Mestre Meirelles, Jéferson, Clementino, João Vieira Soares, Orlando Siriri e Joãozinho. Agachados: Pinho, Almeida I, Meirelles, Peixe e Quido.

Fotos Arquivo Pró-Memória



01



A fundação do Esporte Clube Estrela, em 1914, concorreu para que a prática do futebol se tornasse conhecida na pequena Vila Vieira do Piquete. Eram sempre concorridos os treinos, com seu estádio sempre cheio de observadores. Logo o time conquistou uma torcida apaixonada, que fielmente comparecia aos jogos para torcer e incentivar os jogadores. Surgiram craques cujas habilidades com a bola marcaram gerações e ficaram na memória dos torcedores. Assim, nos primeiros anos de atuação do Esporte Clube Estrela, os piquetenses vibraram com as jogadas dos irmãos Jansen (Guilherme e Carlos Alberto), dos irmãos Vilar (Adriano e Alcides), dos irmãos Lima (Arthur e Mário), dos irmãos Ribeiro (Messias e José) e mais Henrique Mazziero, Mário Alves, Conrado, Geraldo Meireles...

Numa fase mais adiante, na década de 1930, ficaram famosas as defesas clássicas do Luiz de Barros, uma "barreira" segura na área, e os inusitados "mergulhos" do Pedro Celestino, o "Peixe", a fim de cabecear as bolas rasteiras vindas dos pés dos adversários... Ainda nessa década, o Esporte Clube Estrela viveu o seu apogeu, sob a



02

presidência do capitão Olegário de Oliveira Marcondes. Houve melhoria do estádio, com a construção de novos lances de arquibancadas cobertas e a iluminação noturna inaugurada pelo presidente Getúlio Vargas em julho de 1939. O Estrela contava com um "esquadrão" de fazer inveja: sagrou-se Campeão Intermunicipal do Estado de São Paulo (9ª Zona) com Pinho, Luiz de Barros e Peixe; Almeida, Luiz Vieira e Quido; Jefferson, Passa Quatro, João Vieira, Orlando Siriri e Zezinho Barbosa. Após essa conquista, o Estrela agigantou-se e semiprofissionalizou-se contratando jogadores de fora e disputando jogos com times de São Paulo e Rio de Janeiro, como Palmeiras, Corinthians, Fluminense, Madureira e outros.

Em 1948, o Estrela viveu uma das fases áureas do amadorismo, superior, talvez, à era do profissionalismo. Foi vencedor de inúmeros amistosos e do campeonato do interior paulista com os jogadores Adeodato, Edward e Luiz de Barros, Milton, Adeildo, Quido, Macaé, Tandão, Leopoldo, Muriaé e Tôto. Este mesmo time, na década de 1950, trouxe ainda muitas alegrias aos torcedores estrelinos, contando



Centenário do Estrela Futebol



03



04



05

Fotos Arquivo Pró-Memória



Futebol Clube, o “Leão do Norte”

com outros jogadores como Bacalhau, Alfredo, Jacob Meyer, Coutinho, Metropolo, Durval, Salvador, Mangabeira, João Divino, Sapucaia, Catrica, Torresmo, Goulart, Olavo, Didi, Mariomar, Geninho, Cirinho, Sérgio, Ely, Pingo, Orestes, Padeco. Em 1959, o Estrela venceu por 3 x 2 a seleção do Exército, a qual contava com um campeão mundial, o jovem atleta Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

As sucessivas conquistas do Estrela concorreram para que um número maior de torcedores frequentasse o campo. Nas tardes de domingo, as arquibancadas lotavam e durante a semana seguinte o assunto era o brilhante desempenho do time do coração piquetense.

Nas décadas de 1960 e 1970, brilharam no campo do Estrela, entre outros: Pedrinho, Daniel, Pedro Henrique, Belini, Batista, Humberto, Celso, Barbará, Floriano, Ivan, Silvinho, Paulo, Pedrinho, Roberto, Enoch, Zé André, Capora, Borginho, Leônidas, Berné, Dito, Espíndola, Dedé, Damas, Bibó, Pipi, Dinho, Pernambuco, Oswaldinho, Décio, Ilto, Bilinha, Paulo Pires, Joel, Rapinha, Véio Giffoni, Meganha, Otavinho, Barreto, Sabará, Sebastião, Ivo,

Coutinho, Adão, Flávio, Bídi, Sílvio Araújo, Jurandir, Lavrinhas, Chumbinho, Timbé, Gatinho, Benê, Celestino, Marcão, Zé Vitor, Armando e Chico Magalhães, Angu, Binha, Moreno, Valdir, Jorginho, Zulu, Wagner, Mauro, Miro, Valtinho, Mazinho, Rubens, Jorginho, Bela, Bacerê, Binha, Broinha, Gracioso... Não podemos deixar de lembrar que todas as conquistas aconteceram sob orientação de técnicos capacitados e atentos como Olavo Carpinetti, Humer Guimarães, Mané Chato, Alcides Vilar, Adeoadato, Miro, Henrique Passos, Antônio Moreira, Flávio Pirrela, Vagalume...

Enumerar todos os jogadores que atuaram pelo Estrela Futebol Clube é quase impossível... A memória é falha. Certamente, muitos nomes deixaram de ser citados. De qualquer maneira, foi graças a todos eles – os citados neste texto ou não – que o Estrela conquistou seus títulos e construiu seu nome e sua fama e tornou-se História.

Legendas: **(01)** Henrique Passos, Wilson, Jorginho, Jurandir, Paulão, Lavrinhas, Zulu, Wilson, Wagner, Mauro e Miro. Paraguaio, Paulo Borges, Modesto, D'Amico, ?, Jayme Dotta, Doca e Fernando. Valtinho, Mazinho, Pereira, Rubens, Timbé e Adilson. **(02)** Equipe campeã da 2ª Divisão 1961: Mário, Ivo, Cotinho, Giba, Goular, Ney, Didi, Daniel e Celso Torino. Geninho, Barbará. Ely, Ivan, Ilto e Pingo. **(03)** Entrega de troféus em um campeonato interno: José Osmar D'Amico, Cel. Xexeo, Ismael Marques, Cel. Michel, Edson Martinez Corrêa, Miguel Gosn, Chico Marques, Waldemar de Oliveira e Salvador; **(04)** Torcida no Estrela no início da década de 1970. **(05)** Manutenção do campo do Estrela nos anos 70. **(06)** Equipe do Estrela em 1971: Rubens, Sarlo, Jorginho, Bela, ? e Baicerê. Binha, Paulo Borges, Valtinho, Carlinhos e Paraguaio. **(07)** Célio Catrica, Floriano, Sérgio Caxixa, Pingo, Véio e Rapinha (Rufino). Joel, Chico Magalhães, Miguel Caxixa, Alfredo, Aldair (Sabará) e Boquinha. **(08)** Partida entre o Estrela e a Seleção do Exército. Trio de arbitragem (José de Oliveira, José Osmar D'Amico e João Gomes) com Pelé, no estádio do Hepacarê, em Lorena. **(09)** Equipe do Estrela que jogou contra a seleção do Exército em Piquete: Pereira (massagista), D'Amico e Cel. Michel. Jogadores: Ney, Batista, Zé Pretinho, Giba, Adão e Cobra (goleiro). Ivo, Ivan, Ely, Ilto, Pingo e Ivinho (criança). **(10)** O momento de uma defesa em uma partida no Estádio do Esporte Clube Estrela.



Fotos Arquivo Pró-Memória



01



02



03

01 - Pernambuco, Oswaldinho, Santos, Eduardo, Daniel e Giba. Agachados: Bilinha, Ivan, Décio, Pingo e Ilto. (1959)

02 - Pedrinho, Giba, Daniel, Batista, Humberto e Celso. Agachados: Barbará, Ivan, Ely, Ailton e Silvinho.

03 - Adeildo, Oreste, Adeodato, Edward, Alfredo, Cotinho. Agachados: Macaé, Cabral, Tandão, Muriaé, Tôto e Fio (década de 1950).

04 - Quido, Alfredo, Adeildo, Edward, ?, Adeodato, Luiz de Barros, Carlinhos, Jacob Meier, Coutinho. Macaé, Durvalzinho, Bacalhau, Muriaé, Salvador, Araújo e Metropolo.

05 - Estrela - Campeão Amador do Setor 9 - 1959: D'Amico, Torresmo, Goulart, Zé Pretinho, Olavo, Didi, Mariomar, Adeodato. Geninho, Cirinho, Sérgio, Ely, Pingo e Salvador.

06 - Entrega de medalha pelas madrinhas aos atletas em final de campeonato na década de 1950.



04



05



06

Nosso glorioso Estrela Futebol Clube

Memória



Neste centenário do glorioso Estrela Futebol Clube já ocorreram comemorações e as lembranças animam nossos espíritos. As pessoas contam muitas histórias, revivem muitos eventos e muitos de nós participamos da trajetória desse clube esportivo de futebol. A paixão pelo time incendiava todos os que nas tardes de domingo iam ao estádio assistir aos jogos, torcer, se emocionar e tecer os fios consagrados pelas gerações – o Estrela tornou-se um líder na região, extrapolava as fronteiras e os torcedores comemoravam calorosamente.

Nos dias de jogo, era bonito ver as dependências do Estádio do Estrela cheias, coloridas, vibrantes.

Nos meados do século XX, os jogos eram verdadeiras batalhas nos chutes da bola, nos apitos dos juízes, na gritaria dos torcedores estimulando cada jogador, chamando-o pelo nome ou apelido e pendurados nos alambrados até parecendo entrar em campo. Retidos pelas normas. Combativos no verbo e até, às vezes, nas vias de fato gestuais ou ameaçadoras. Até chegar a turma do “deixa disso, calma!”.

Nos embates entre o Estrela e o Hepararé de Lorena, a temperatura subia até entrar em ebulição. As torcidas se enfrentavam. Eram precisas palavras calmativas ou até forças especiais para segurar os ânimos exaltados.

Embora a sociedade fosse conservadora e machista, as mulheres também participavam das torcidas acaloradas e vibrantes. Algumas tornaram-se famosas, estimuladas pelos homens à cata de emoções reais, fortes. Havia até as que driblavam os pais para irem “ao campo”.

Do que nos lembramos mais em nossa memória afetiva? Era interessante ver os conhecidos habituados a ir ao estádio e dele vir na realização dos jogos das tardes de domingo. Passavam tagarelando, as emoções à flor da pele. Alguns jogos eram noturnos. Muito raros, e com menor público. Às vezes, só treinamento, mas disputados. Com público presente.

As vitórias eram muito festejadas – o orgulho enchia peitos e olhos. As derrotas adjetivadas de fortes atributos negativos, tanto por parte dos vitoriosos, como dos contras, os derrotados. O fraco ou perdedor era injuriado e foco das apreciações negativas. Provocações.

Outra memória que temos: os caminhões carregados das torcidas eram apedrejados. Nas entradas e saídas da cidade, para

Lorena, por exemplo, torcedores se colocavam à espera com várias pedras para atirar. Houve ferimentos e sangue. Moleques se vangloriavam de atingir alvos, apesar da repressão policial. Em Lorena, o troco para os “piquetenses”. Nos campeonatos, a briga era mais acesa. As grandes partidas tornavam-se célebres e as comemorações com bailes. Uma agitação social. Moçoilas se apaixonavam pelos atletas, os de corpos atléticos, isto é, hercúleos ou bem elaborados. Grandes jogadores marcaram época.

Havia a “prata da casa” e outros que vinham de fora. Estes, em geral, ficavam mais tempo do que o previsto. Alguns casaram-se por aqui, constituíram família e fincaram raízes.

Não vou aqui citar nomes porque a memória nos trai. A história pessoal de cada um incluía serviço na Fábrica. Já escrevi biografia de quem trabalhava uma noite inteira de pernoite para jogar no dia seguinte. Não se reclamava do cansaço. Imbuídos do idealismo e da importância como membros da sociedade local. Reconhecidos e citados com destaque. Apontados.

Outro fio memorialístico chegou-me iluminado: moças da sociedade local eram convidadas como “madrinhas” dos jogadores no recebimento de faixas vitoriosas nas partidas finais dos grandes eventos. Estive entre elas uma vez. Foi feita fotografia. Não a tenho. Alguém a teria?

E a memória vai longe. Os fios entrelaçados são simbólicos de vidas, lágrimas, frustrações, alegrias. No cultuado campo de nosso glorioso time do Estrela F.C. davam-se comemorações cívicas – desfiles grandiosos, a que a plateia, entusiasmada, assistia. Não aplaudia, não havia barulho, era um silêncio como que obsequioso, que se rendia normalmente à frente dos militares. Mas, a seu modo, vibrava. Os escolares participavam com as bandeiras, a fanfarra ou a banda de música. Era um colorido jovem, entusiasmado, contido. Tempos de Vargas.

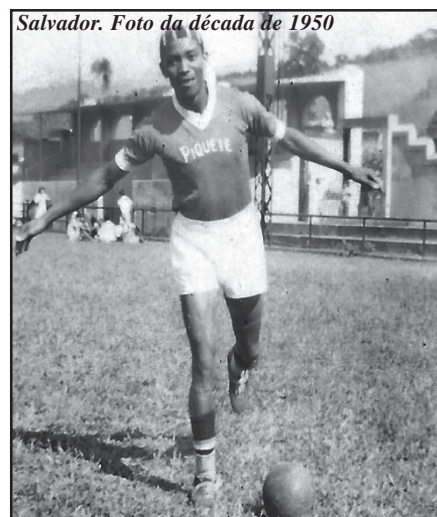
Na Semana da Pátria, o “desfile da raça” antecedia o do dia patriótico. Era uma demonstração física de jogos e ginástica. O desafio entre os grupos era patente. Vangloriavam-se os bem sucedidos. Os estímulos eram gerais e nós, jovens, saíamos do campo carregados de magnitude, imantados pelas demonstrações. Um tempo feliz para os jovens piquetenses. Um tempo para a memória coletiva guardar e reproduzir.

**Com carinho,
Dóli de Castro Ferreira**

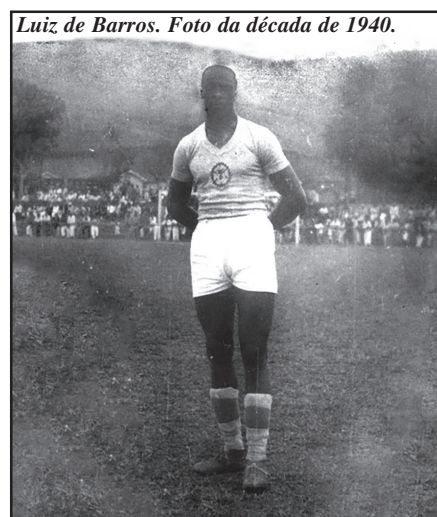
Fotos Arquivo Pró-Memória



Messias e José Ribeiro. Foto de 1920



Salvador. Foto da década de 1950



Luiz de Barros. Foto da década de 1940.

Presidentes do Esporte Clube Estrela

Fernando de Aquino
Jarbas Octaviano de Araújo
Olavo César Carpinetti
Capitão Euclides Pereira de Souza
Capitão Fernando Costa
José Corrêa
Capitão Octaviano Leão
Capitão Octávio Coelho da Silva
Capitão Antônio Vergílio de Carvalho

Joaquim de Castro
Amélio Barbosa
Capitão Olegário de Oliveira Marcondes
Capitão Frederico Joset Nunes Dias
Capitão Roberto Corrêa
Capitão Alceu Jovino Marques
Coronel Almir Autran Franco de Sá
Capitão Luiz Faro
Capitão Antônio de Souza Neto

Major Vicente Galatro
Major Fábio Lengruher
Major Olavo de Oliveira Michel
Capitão Antônio Willy
Luiz Gonzaga de Meirelles
Capitão Fernando Serra
Tenente José Leite da Cunha
Capitão Ivan Maia
José Osmar D'Amico



A foto ao lado registra a estréia oficial do “Sport Club Estrella” em 7 de fevereiro de 1915. A partida aconteceu num campo provisório que se localizava onde hoje é a rua Expedicionário Genésio Valentim Corrêa, às margens do Rio Piquete.

Equipe: José Luiz Ferreira, Messias Henrique Ribeiro, Oscar Guilherme Jansen, ?, Tristão de Souza, Sebastião de Lima, Amélio Barbosa, Tonico Cardoso, Benedito Marques, ?, Carlos Alberto Jansen, Alcides de Melo.

Nas demais fotos, imagens do “Estádio do Esporte Clube Estrella” construído em terreno cedido pela Fábrica de Pólvora sem Fumaça, e de famílias que, sempre elegantes, com a inauguração do estádio passaram a prestigiar as partidas.

